

A INCLUSÃO DA MULHER NA PROGRAMAÇÃO: PARTICIPAÇÕES ATIVAS NO DESENVOLVIMENTO DE UM SOFTWARE

Samanta Adriane Sedlaczek Luchoski¹, Luiz Tatto²

¹ Acadêmica do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Centro Universitário de Maringá. Bolsista PIC/ICETI - UniCesumar. E-mail: samantaluchoski@gmail.com

² Orientador. Mestrado em Gestão do Conhecimento das Organizações e bolsista produtividade no ICETI da Unicesumar. E-mail: luiz.tatto@unicesumar.edu.br.

RESUMO

As áreas de ciências exatas tiveram uma grande restrição em relação à inclusão de pessoas do sexo feminino, criando um ambiente extremamente restrito, mesmo nos dias atuais. Grandes nomes de mulheres são observáveis durante todo o percurso do desenvolvimento das antigas e novas tecnologias, mas ainda assim, é visto que a proporção de pessoas do sexo masculino é superior ao do feminino na parte da programação. É necessário abrir um questionamento com as mulheres já atuantes e as que tem possibilidade de atuar na área, mostrando quais são suas verdadeiras dificuldades enfrentadas para se manter e entrar no ambiente de programação, principalmente nos desenvolvimentos de software.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher na programação, obstáculos no ambiente masculino, construção social, funcionamento da sociedade tecnológica.

1 INTRODUÇÃO

Ao se questionar como as mulheres se comportam em relação aos estudos nas áreas de Ciências Exatas, é necessário realizar que a resposta pode vir de como fora tratado esse assunto desde sua infância, partindo de exemplos adultos do sexo feminino ao interagirem com o assunto. Quando a criança nota que alguém do seu gênero trata com interesse ou desinteresse um determinado tipo de interação, ela tende a replicar o mesmo comportamento de forma não intencional (FISHER; MARGOLIS, 2002).

Os garotos são mais estimulados a serem curiosos do que as garotas; sendo que sua atenção dificilmente é chamada de forma negativa aos desmontarem e remontarem seus brinquedos enquanto as meninas são criticadas ao não brincarem da “forma devida” com suas bonecas (NATANSOHN, 2013).

Mesmo que a área de Programação tenha tido grandes nomes femininos em seu início, como Ada Lovelace, o ambiente se tornou masculino através de um processo longo de modificações, principalmente no capitalismo ocidental (FERREIRA, 2007).

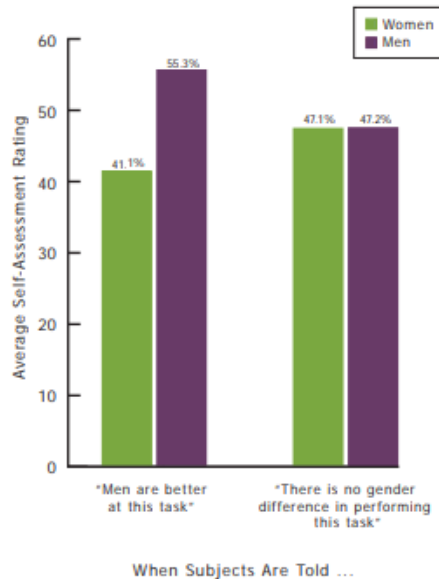
A concepção de ser bem-sucedido em uma área acadêmica é vista por diferentes ângulos, dependendo do gênero em que a pessoa encontra. Mulheres têm o pensamento de que é necessário obter uma nota de 89 de 100 e homens acreditam que 79 de 100 já é o mínimo para ser considerado bem-sucedido, demonstrando que existe uma maior exigência por parte do “público” feminino (CORBETT; HILL; ST ROSE, 2010).

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Muito é dito sobre que a área de Programação é masculina, onde os homens têm um talento ou habilidade inata, proporcionando uma falsa equivalência de que as mulheres necessitam de um empenho nos estudos em relação aos homens (Gráfico 1).

Essa busca acelerada por parte das mulheres em se nivelar aos conhecimentos que seus colegas masculinos obtêm de forma “facilitada”, é uma das consequências das mesmas serem criadas em estereótipos (CORBETT; HILL; ST ROSE, 2010).

Um questionário foi disponibilizado através do *Google Forms*, recebendo a participação de 32 indivíduos, onde tiveram acesso através da divulgação em grupos de rede social. Todos os participantes foram informados no cabeçalho de que suas respostas seriam utilizadas para o Projeto de Iniciação Científica.



Source: Correll, S. J., 2004, "Constraints into preferences: Gender, status, and emerging career aspirations," *American Sociological Review*, 69, p. 106, Table 2.

Gráfico 1: O que os estudantes pensam sobre uma disciplina (Homens são melhores x Não há diferença entre gênero).
Fonte: Corbett; Hill; St Rose, 2010.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa contou com 1 questionário válido, composto por 6 questões, e leitura de diversos livros em relação ao tema de Mulheres na Computação. O questionário foi aberto à comunidade, sendo respondido majoritariamente por mulheres, além de ter a participação de homens para depoimentos de uma visão externa aos acontecimentos (Gráfico 2).

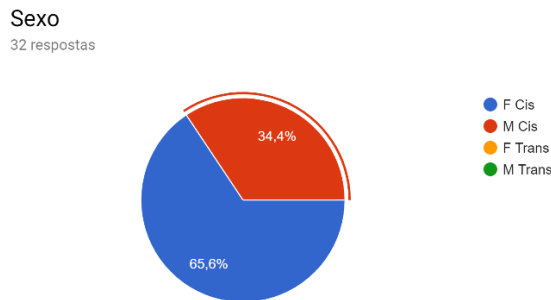


Gráfico 2: Gênero dos participantes.
Fonte: Dados da pesquisa.

A identificação dos participantes foi facultativa: alguns se manifestaram através das iniciais e outros pelo nome completo para que estivessem mais confortáveis em discutir suas experiências (Gráfico 3).

Inicial do nome

32 respostas

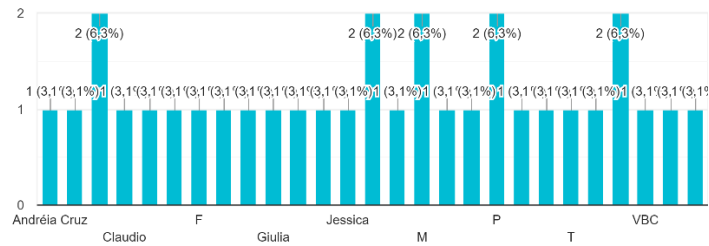


Gráfico 3: Identificação dos participantes.

Fonte: Dados da pesquisa.

Grande parte dos participantes não trabalham com tecnologia (Gráfico 4), cerca de 65,6%, entretanto 43,75% conhecem alguém que trabalha nesse ramo (Gráfico 5).

Você trabalha com tecnologia?

32 respostas

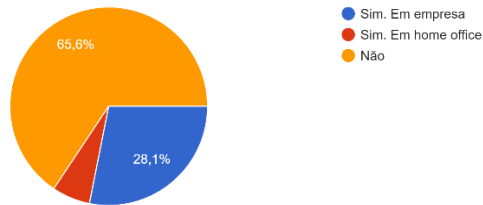


Gráfico 4: Participantes que trabalham no ramo da tecnologia.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Conhece alguém que trabalha com tecnologia?

32 respostas

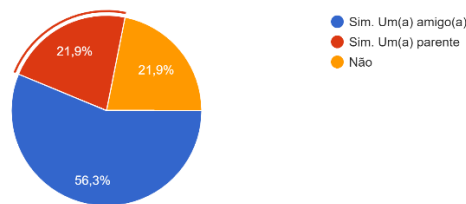


Gráfico 5: Vivência dos participantes com alguém do ramo da tecnologia.

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao serem questionados sobre a vivência de alguma situação de discriminação, seja por eles ou por terceiros (Gráfico 6), 31,3% responderam que Sim, dos quais cerca de 70% descreveram os ocorridos, sendo grande maioria relacionados ao fato das mulheres não serem levadas à sério no ambiente de trabalho.

Conhece ou passou por alguma situação de discriminação durante o serviço?
32 respostas

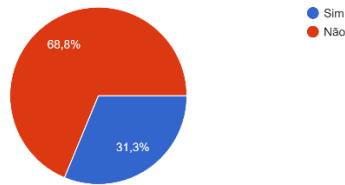


Gráfico 6: Participantes que vivenciaram situações de discriminações.
Fonte: Dados da pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que existem situações em que as mulheres são discriminadas em seus ambientes de trabalho, desde terem suas ideias questionadas por chefes, colegas e clientes até situações de assédio moral.

Espera-se que, com este resultado, seja possível ampliar os métodos de manter as mulheres em nível de igualdade dentro de uma empresa, tendo sua voz ouvida e reconhecida como profissional.

Deve-se ressaltar a importância de manter e alimentar o interesse de garotas na área de Exatas, estimulando-as a ingressarem de forma curiosa na Computação e Lógica, do mesmo modo que garotos recebem durante a sua infância (NATANSOHN, 2013).

REFERÊNCIAS

CORBETT, C.; HILL, C.; ST. ROSE, A. **Why So Few? Women in Science, Technology, Engineering, and Mathematics**. Washington: AAUW, 2010.

FERREIRA, V. Quando as mulheres eram computadoristas - Reflexões em torno das variações feminização da programação em informática. In: AMÂNCIO, L.; TAVARES, M.; JOAQUIM, T.; ALMEIDA, T. S. de (Orgs.). **O longo caminho das mulheres - Feminismos 80 anos depois**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, (2007), p 375-384.

FISHER, A.; MARGOLIS, J. **Unlocking the Clubhouse: Women in Computing**. Massachusetts: The MIT Press, 2002.

NATANSOHN, G. Qué têm a ver as tecnologías digitais com o gênero?. In: NATANSOHN, G. **Internet em código feminino: Teorias e práticas**. Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2013, p.17-19.